

VEREDAS DA PESQUISA PSICODRAMÁTICA ENTRE A PESQUISA-AÇÃO CRÍTICA E A PESQUISA- INTERVENÇÃO

RESUMO

Este escrito oferece um cartograma sintetizado do nascimento e desenvolvimento do método e do modo de se fazer pesquisa em psicodrama, não se restringindo ao contexto acadêmico. Para tanto, fundamentando-se em publicações na área, argumenta que elas foram geradas em função da necessidade de se criar um pano de fundo, composto por outras metodologias, nas quais o psicodrama pudesse se projetar e, por contraste e identificação, se reconhecer. Outras deram continuidade a esta trajetória e buscaram singularidades. A seguir, em novo exercício de distinção e condensando os pressupostos da pesquisa intervenção, o texto pretende contribuir com novas perspectivas de reflexão sobre a temática em questão.

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa-ação crítica, pesquisa intervenção, método psicodramático, pesquisa-psicodramática.

ABSTRACT

Without only limiting itself to the academic context, this paper offers a cartogram that sums up the origins and development of the psychodramatic research method and its use. Looking at publications regarding this subject, the author argues that these were generated as a result of the need to create a backdrop, drawn up based on other methodologies, onto which psychodrama can be projected, and then acknowledged through comparison and identification. Other publications followed on this pathway searching for specificities. Finally, in a new attempt to distinguish and condensate the presuppositions of intervention research, the article intends to provide new perspectives of reflection on the subject in question.

KEYWORDS

Critical action research; intervention research; psychodrama method; psychodramatic research

SINALIZAÇÕES

Este artigo tem como referência, em sua elaboração, um dos capítulos de minha tese de doutorado (Contro, 2009). Mas, ao utilizar os termos *método* e *pesquisa*, aqui, não estou distinguindo o uso mais sistematizado e direcionado à produção acadêmica daquele que realizamos no dia a dia, seja em psicoterapia ou em intervenções institucionais/organizacionais de toda ordem.

Isso porque acredito que os procedimentos abarcados por essas denominações, no que concerne ao fazer psicodramático, são os mesmos em ambas perspectivas, diferenciando-se, quando no âmbito da academia, por um acompanhamento mais acurado em todas as fases do processo (implementação, intervenções, avaliações, restituições etc).

Assim, a pretensão é de que esta reflexão, sempre ancorada num diálogo com a prática, se refira tanto ao contexto mais específico, que se propõe a ser regido por algum tipo de cientificidade, quanto ao mais generalizado, não menos importante e que também, a seu modo e com seus métodos, se serve constantemente de alguma intenção de pesquisa.

Sobre a opção pelas nomenclaturas método e pesquisa psicodramática, em vez de sociopsicodramática, como tem sido expressa por alguns autores¹ e por mim mesmo na tese referida, sinalizo que para um público leigo na lida o prefixo sociopsico serviu, de minha parte, para enfatizar a sobreposição por ele sugerido e que levo em conta quando me municio do psicodrama, independentemente de ser num espaço psicoterápico ou não. Como este texto é endereçado a leitores mais afeitos ao arcabouço moreniano, escolho manter a forma nominal mais simplificada e já consagrada. Decisão que, de modo algum, exclui o cuidado quanto a discernir o que seja foco ou penumbra entre o sócio e o psíquico nas intervenções que realizamos, quando possível, visando contemplar as encomendas feitas e os projetos dramáticos de consenso.

BREVE CARTOGRAMA DA TRAJETÓRIA

Psicodramatistas haviam mencionado, nas décadas de 80 e 90, a necessidade da proposta desta área melhor se configurar como método rumo ao seu desenvolvimento epistemológico e à sua sustentação no campo da pesquisa. Ofereceram metodologias a nos subsidiar e realçaram algumas particularidades do psicodrama que foram descritas em publicação anterior (Contro, 2004, pp. 98-102).

Na verdade, os trabalhos sociométricos de Moreno dos anos 30 do século passado, junto das pesquisas motivacionais e psicossociológicas no campo organizacional, já foram responsáveis por alavancar a pesquisa social no âmbito científico, outorgando à subjetividade papel de destaque, contrariamente ao de "variável interveniente" que ocupava, até então, no decurso da investigação (Paulon, 2005). Em texto de 1934 (Moreno,

1992, vol. I, pp. 202-203) já clamava por uma “participação mais adequada” na pesquisa sociométrica, na qual o participante deixaria de ser observador para tornar-se ego-auxiliar. Na sequência dos acontecimentos, a ebulção social dos anos 60 criou condições históricas para que o pesquisador interviesse *com* os sujeitos e não *sobre* os sujeitos, colocando-se como mais um agente de mudança, reafirmando o postulado moreniano de 30 anos antes.

Mas, mesmo nos trazendo, já naquele momento, elementos que nos levam a identificar o método e a pesquisa psicodramática com postulados da pesquisa-ação, esta somente passou a ser sistematizada e reconhecida como tal no final da década de 30 por Kurt Lewin, psicólogo prussiano também residente nos EUA. A *action research* tentava articular teoria e prática, pensamento e ação, ao mesmo tempo em que estava profundamente amalgamada com a ideologia do governo americano, com quem Lewin colaborava durante a II Guerra, na tentativa de mudar comportamentos tidos como inadequados².

E, apesar de se submeter à ordem vigente, não há como negar que Lewin, em seus experimentos de campo, muito contribuiu para o que ficou conhecido como psicossociologia. Esta veio a estimular novas práticas que passaram a conectar pesquisa, formação de indivíduos e transformação social.

Autores mais recentes, entre eles Thiollent (1985), Barbier (1985) e El Andaloussi (2004), retomaram este ponto de vista da pesquisa-ação e realçaram alguns ingredientes. Como objetivo central ela busca transformação social e produção de conhecimento. Sua função política, identificando-se às causas populares e à prática da democracia ao nível local, portanto, evidencia-se. Quanto ao papel do pesquisador, este se coloca ao mesmo tempo como implicado e analista. O saber é sempre co-produzido, as avaliações qualitativas e quantitativas não se excluem e a generalização tanto pode ser abandonada, em função da peculiaridade dos espaços pesquisados, quanto pode ser levada em conta, desde que “*progressivamente elaborada a partir da discussão dos resultados de várias pesquisas organizadas em locais ou situações diferentes*” (Thiollent, 1985, p.39). O controle metodológico do processo investigativo efetiva-se pelo constante questionamento e consenso dos participantes durante sua realização.

Deste modo, creio que a pesquisa-ação pode ser constituída não necessariamente como método mas, sim, como *estratégia geral de pesquisa*, ao poder articular diversos métodos e técnicas de pesquisa social e originar um agenciamento coletivo, participativo e paradigmático em relação à pesquisa positivista.

Também podemos compreendê-la como *corrente de pesquisa*, quando aborda referenciais que trazem postulados comuns como almejar relações as mais simétricas possíveis, valorizar e transformar as práticas sociais e propiciar a produção de conhecimento.

Ainda dentro dessas localizações feitas cabe assinalar que autores da seara do psicodrama têm se debruçado sobre as interfaces deste com a pesquisa ação, não sendo necessário que as retomemos.³ Quero apenas

dizer que vejo seus esforços tendo resultado na construção de uma espécie de tela onde o psicodrama, como método e modo de pesquisar, pôde se projetar para se reconhecer.

Outros, resgatando essas iniciativas anteriores e dando continuidade à espiral da construção desta temática, realizaram variadas aproximações, distanciamentos e registraram singularidades.⁴

Constato, salvo engano, que este cartograma encontra-se até aqui desenhado. Pretendo oferecer novo exercício de reconhecimento, agora tomando por referência os propósitos da pesquisa-intervenção, como modo de fundamentar outros aspectos que vislumbro, dando continuidade ao desenvolvimento deste mapeamento.

TRILHA DA PESQUISA-INTERVENÇÃO

Se concebermos que toda pesquisa feita é um tipo de intervenção, o que propõem os analistas institucionais quando utilizam o termo?

Fazem uma distinção entre seu emprego generalizado e o âmbito da pesquisa. Refutam, no primeiro caso, sua conotação autoritária e militarresca, outorgando-lhe, no segundo, o sentido de *se colocar entre* propiciado por um terceiro que teve sua presença solicitada (L'Abbate, 2005, p. 236 e Lourau, 2001, p. 38).

Historicizando o surgimento de seus preceitos, foi o movimento institucionalista, surgido nas décadas de 60 e 70, que os agenciou, tendo em vista abordar a multiplicidade de sentidos presentes no procedimento de análise das instituições. Trata-se, pois, de um produto metodológico e teórico oriundo dos movimentos políticos contestatórios daquela época. As críticas à alienação, fundamentadas no marxismo, e a valorização do inconsciente, tendo como fonte a psicanálise, passaram a compor os atos de investigação. Assim, os jogos de interesse e as questões do poder passaram a ser identificados no campo de pesquisa. Não estabelecer um conhecimento prévio à ação de mudança foi mais um modo de combater o autoritarismo estatal. A clínica e a política tornaram-se inseparáveis.

NA CONTRAMÃO DA PESQUISA-AÇÃO

O fato de o surgimento das teorias e práticas ocorrer por contraposição ou diferenciação às já existentes é bastante comum e, neste caso, os postulados da pesquisa-intervenção não fugiram à regra. Grosso modo, o descontentamento em relação à pesquisa-ação diz respeito à contaminação ideológica que sofreu, acarretando uma postura de adaptação e um caráter messiânico em função de o pesquisador se colocar como aquele que vai sensibilizar e conscientizar os pesquisados para a necessidade de mudança social. Além disso, o movimento institucionalista afirma que ela busca, na verdade, o restabelecimento da ordem, por reduzir os conflitos ao nível do psicológico.

VEIO DA PESQUISA AÇÃO-CRÍTICA

Vejo que essas insatisfações encontram razão de ser quando se referem à pesquisa-ação em seu estágio de surgimento. Afinal, naquela época dos

EUA do durante e pós-guerra, era a hierarquia de poder controladora das relações sociais que demandava por procedimentos visando à formação de quadros dirigentes, ao controle de comportamento nas organizações, aumento da produtividade etc (Rocha e Aguiar, 2003, p. 03). Mesmo com as inovações que trazia, a pesquisa de campo de Lewin naturalizava aquela ordem social.

Entretanto, nos anos seguintes, principalmente no final da década de 60, influenciada pelas culturas europeia e canadense e junto a novas experimentações e à sua disseminação, inclusive pela América Latina habitada pela ditadura militar, a pesquisa-ação se desenvolveu e se diversificou. Nessa linha, a breve síntese que fizemos há pouco sobre ela diz respeito a este seu segundo momento, oferecendo um posicionamento oposto ao cerceamento de transformações desejadas. Presente em projetos autogestionários e emancipatórios com populações marginalizadas e associada à educação popular e comunitária, constituiu-se o que ficou denominado de pesquisa-ação crítica, diferenciando-se daquela do tipo reformista dos EUA.

Mais especificamente no Brasil do final dos anos 60 e durante os 70, alguns desses trabalhos se mantiveram por meio de setores da igreja e de intelectuais, mesmo com a clandestinidade e o enfraquecimento dos movimentos populares. Na educação, como exemplo, tivemos a participação militante de Paulo Freire em seu projeto político crítico e pedagógico. Vale frisar também que entre os anos de 58 e 68 se realizaram, sob a coordenação de Pierre Weil, as pesquisas e publicações psicodramáticas originárias dos experimentos sociométricos voltados ao mundo do trabalho no DOT (Departamento de Orientação e Treinamento do Banco da Lavoura de MG) (Motta, 2008).

Constatamos, portanto, que a pesquisa-ação não é mais a mesma formulada inicialmente por Lewin, em função dos rumos que tomou, o que torna as críticas aqui descritas, ainda que feitas por autores recentes, desatualizadas ou descontextualizadas.

Então, isso significa dizer que pesquisa-ação crítica e pesquisa-intervenção não se diferenciam? Na busca por uma resposta, vejamos outras características significativas da trilha da pesquisa-intervenção.

TRAÇADO TÍPICO

A pesquisa-intervenção apoia-se na ideia de imanência, nos filósofos da diferença (Bergson, Nietzsche, Foucault, Deleuze, Derrida, entre outros autores representantes), que se opõe à noção das macrorrepresentações, das categorizações. Insere-se no pensamento complexo e comunga com o pressuposto da interdisciplinaridade, visando à implosão dos especialismos que segregam saberes e profissionais. Postula que o homem não se reduz a uma identidade, ao uno, à racionalidade nutrida pela cultura ocidental cristã. Ele não é uma particularidade de uma lei geral, mas múltiplo e diverso.

Compreende-se que não há sistemas previamente construídos a apontar unicidade e harmonia como pontos de chegada, mas pluralidade dos

fluxos do existir, embates de forças em vez da visão do conflito restrito ao bipolar. Assim, as experiências vividas são elementos de criação de sentido e não reflexo de uma realidade que está em outro lugar.

“a realidade social resiste aos quadros formulados a priori, às categorias gerais bem delimitadas, aos modelos já circunscritos que não conseguem mais explicar as condições da mulher, da família, da infância, dos excluídos, instaurando-se o desafio de uma teorização permanente” (Rocha e Aguiar, 2003, pp. 14-15).

Os acontecimentos são movimentos e tensões historicamente situados, parciais, singulares das práticas locais. As atividades cotidianas são a micropolítica que construímos e que nos atravessa, embora se recusem a individualização e a psicologização dos conflitos. Exemplificando, temos a concepção de poder enunciada por Foucault (1979), em que sua existência ocorre ao permear e interpenetrar as relações, e não se restringindo à determinada classe social que o monopoliza. Portanto, essa realidade compreendida como diversidade de linhas de força não contempla deduções ou induções integradoras, mas consciência sempre momentânea e parcial.

Até porque é engendradora por subjetividades plurais que sempre originam novos modos de subjetivação, ao mesmo tempo em que este caminho de subjetivação produzido socialmente se traduz em novas formas heterogêneas. Uma subjetividade dada como agenciamento de transversalidades, como impressões corporais das doutrinas de um contexto cultural, não o sujeito humanista e naturalizado, portador de uma subjetividade nuclear, mas um confronto de diferentes subjetividades. A ênfase, desse modo, recai sobre a diferença nos grupos e entre grupos, e não na desigualdade social fruto de uma referência que tenta lidar com homogeneidades.

Assim sendo, o papel do pesquisador não seria tentar se apropriar da mútua interferência entre sujeito e objeto, mas o acompanhamento das singularizações dos modos de subjetivação, em que sujeito e objeto, pesquisador e campo de pesquisa, se criam ao mesmo tempo. Seria apreender as configurações subjetivas na sua dimensão de criatividade em decurso. O que importa na pesquisa são os atravessamentos que se mostram em seu cartograma, e não a obtenção de um resultado ou do que há por ser revelado, interpretado. Ou seja, a pesquisa segue a produção do conhecimento, dos acontecimentos, as ações criativas de novos modos de subjetivação. Não se concebem de antemão postulados a serem colocados em xeque e, sim, se implanta um estado de teorização a partir da produção coletiva. Pesquisa, intervenção e produção teórica articulam-se em simultaneidade. Para tanto, utiliza-se de diversos métodos coletivos para propiciar as discussões, a produção cooperativa.

Aliás, um de seus conceitos/ferramentas peculiares, a implicação, mesmo que abordada por outras propostas, na pesquisa-intervenção se potencializa. É sistematizada quando se realiza uma constante análise das

implicações presentes. Isso contribui para explicitar interesses e o jogo de poder no campo de investigação.

E, se o trabalho criativo é que se coloca no centro da investigação, a noção de transformação passa a, também, ganhar destaque. Transformação que realça a compreensão do que seja devir, fundamentado nos paradigmas ético, estético e político (Guattari, 1992), que leva à experimentação de outros modos de existir, à criação de possibilidades e, ainda, transformar para conhecer, pois o significado emerge das práticas e é inquieto e perspectivo.

Seguindo essa linha, a pesquisa, no seu sentido mais amplo que aqui estamos considerando, é uma intervenção num processo visando à produção de fatos que surpreendem, que geram o novo, o inusitado, a diferença. Opõe-se ao planejamento coletivo para a efetivação que mira um ponto de chegada.

Outro conceito/ferramenta significativo aos propósitos da pesquisa intervenção é o de analisador. Refere-se a qualquer tipo de acontecimento que evoca a análise coletiva de um momento do grupo. Sua função é explicitar as cristalizações institucionais tendo em vista que elas, muitas vezes, não se mostram por si só.⁵

Apresentado este seu traçado típico, podemos dizer que a pesquisa-intervenção apresenta pontos em comum com a pesquisa-ação crítica, mas a ela não se sobrepõe.

SIMILARIDADES E DIFERENCIAÇÕES ENTRE OS CAMINHOS DA PESQUISA-INTERVENÇÃO E DA PESQUISA-AÇÃO CRÍTICA

Antes de mapear este contraste, quero realçar que não vejo nenhuma prevalência em termos de importância num ou noutro método de pesquisa. Como veremos, creio que se prestam a algumas necessidades com certa especificidade, ao mesmo tempo em que comungam em aspectos relevantes.

Mostram-se similares ao habitarem o campo comum das pesquisas do tipo participativa e, dessa maneira, na busca que ambas empreendem por transformações sociais.

Diferenciam-se metodologicamente quando a pesquisa intervenção se propõe a radicalizar o uso do conceito de implicação, preconizando sua análise sistematizada na empreita da pesquisa. Ainda, esta última sustenta-se no arcabouço da socioanálise, enquanto a pesquisa-ação crítica pode estar apoiada noutros referenciais.

Fruto da menor nitidez nas delimitações entre investigador e objeto de estudo, na primeira não se almejam metas a serem alcançadas, como visto. A pesquisa-intervenção centra-se, primordialmente, em novos modos de subjetivação, na análise das instituições que atravessam o grupo, no processo criativo a engendrar inusitadas possibilidades. Na pesquisa-ação crítica, por sua vez, mesmo que os pontos de chegada sejam co-criados durante a pesquisa eles passam a existir e a ser perseguidos.

Mesmo tendo reservado aqui apenas duas linhas às semelhanças, elas são expressivas. Não é à toa, desse modo, que alguns autores tenham

tomado essas direções de pesquisa como quase sinônimas. Lourau (2004, pp. 218-219) e Ardoino (Ardoino e Lourau, 2003) assim o fizeram.

Podemos pensá-las, ainda, como trilhas que derivam de, e evoluem para, uma mesma trajetória. Monceau (2005) aborda a proximidade entre elas afirmando que não há a necessidade de distinção, uma vez que o mais representativo é o que tem de principal, em comum: o comprometimento do pesquisador para com as transformações sociais.

O distanciamento ocorreria pelo tipo de encomenda a lhe solicitar e pelo encaminhamento construído: enquanto na pesquisa-ação crítica há um problema a ser tratado para o qual se convida um pesquisador interessado, tendo como decorrência do percurso transcorrido a produção de conhecimentos novos ou de instrumentos úteis, na pesquisa-intervenção, segundo Monceau,

“o pedido refere-se de início à análise em situação frequentemente por ocasião duma crise em um estabelecimento ou uma organização ou, ainda, de um mal-estar mais difuso sentido por profissionais. Dessa intervenção de intenção analítica, espera-se que provoque uma renovação da percepção que os indivíduos possuem da realidade social em que estão envolvidos. É evidente que a pesquisa-ação tem efeitos de intervenção e a intervenção produz conhecimentos” (Idem, p. 469).

Pois são justamente diferenciações desta ordem que fazem com que outros autores apregoem uma maior dessemelhança entre as duas formas de pesquisa. L’Abbate (2005, pp. 242-243) acredita que, apesar das aproximações, a separação mostra-se fundamental, uma vez que a pesquisa-ação apresenta objetivos mais claros dos processos a transformar. Além do que, a relação que ocorre entre pesquisadores e atores, na pesquisa-ação crítica, é de natureza diferente da que ocorre entre socioanalista e grupo no bojo da pesquisa intervenção.

Sem a pretensão de esgotar aqui essa discussão, de minha parte o posicionamento de Monceau faz ponderar sobre o que realmente é mais apreciável a se considerar: a finalidade a se atingir (as transformações sociais) ou os requisitos que orientam os métodos? Ao mesmo tempo, penso que cada utensílio, tendo em vista suas peculiaridades, vai se mostrar mais apropriado dependendo da situação de investigação necessária.

PONTO MOMENTÂNEO DE CHEGADA: PROXIMIDADES, DISTÂNCIAS E CRUZAMENTOS COM O MÉTODO E A PESQUISA PSICODRAMÁTICA

Como descrito anteriormente, outros autores já discutiram sobre articulações entre o caminho psicodramático e o da pesquisa-ação. Aqui apenas fizemos a ressalva de que se trata de uma pesquisa-ação crítica, logicamente considerando que, dependendo do modo como utilizamos o método moreniano, como qualquer outro, ele também pode servir a uma prática alienante e opressora. Pretendo então, agora, me deter em suas aproximações, distanciamentos e complementaridades em relação aos pressupostos da pesquisa-intervenção.

Alguns desafios tornam-se inerentes à maneira institucionalista de pesquisar e penso que o psicodrama pode contribuir com alguns elementos para a superação dos obstáculos. Dentre eles, o que resulta da maior indiferenciação entre pesquisador e objeto pesquisado: neste caso, como escutar, como perceber o outro, já que se pretende que estejam entrelaçados?

Entendo que o método psicodramático de pesquisa oferece um roteiro por meio do qual as dinâmicas que compõem o procedimento podem se fazer representar. Através de suas etapas, contextos e instrumentos, o projeto dramático em questão se viabiliza.

Este, por sua vez, por ser uma construção coletiva, pede definição de papéis para que se realize a contento. Para o ofício de diretor-pesquisador há recursos, fundamentados teórica e tecnicamente, a propiciar percepção necessária para o desenvolvimento do trabalho. Como exemplo, a possibilidade de captar as reações de quem está na função de plateia como ressonâncias provocadas pela cena em andamento. Isso sem considerar as reverberações que ecoam em seu próprio corpo e que, de posse delas, pode também traduzi-las ao grupo, vindo a agregar outros significados no andamento da tarefa.

Também a linguagem cênica responde bem ao desafio que enfrenta a pesquisa-intervenção de como se apropriar do conhecimento produzido. Ele se corporifica nas representações simbólicas propiciadas pelas imagens, estórias, personagens e cenas, tornando mais fácil sua apropriação e registro.

Outro dado significativo, e que vai expressar meu posicionamento em termos de localização do método psicodramático em relação aos referenciais da pesquisa-ação crítica e da pesquisa-intervenção, diz respeito ao fato de que ele pode atuar tanto respondendo a uma encomenda e/ou demanda quanto para produzir novos modos de subjetivação, transitando, portanto, entre ambas as propostas. A seu modo, vai se aproximar da pesquisa-ação crítica quando esta se oferece ou é solicitada para um assunto a explorar. O processo grupal mantém-se importante como fluxo de criação, mas o foco passa a girar em torno do tema estipulado de antemão. Vai chegar mais perto da pesquisa-intervenção quando suas atenções estiverem voltadas para a construção de alternativas inusitadas do vir a ser.

Aliás, aproveito esta similaridade entre a relevância que a pesquisa-intervenção e a psicodramática dão ao processo de criação para dizer que identifico contribuições marcantes na reflexão que pode se dar posteriormente ao que foi vivido cenicamente. E isso sem que se perca o frescor do ato criativo e o real sentido de um compartilhamento de emoções. Na verdade, o *pensar sobre* pode ser concebido como mais uma etapa no encadeamento da construção coletiva, podendo, até mesmo, recriar acontecimentos oriundos da etapa anterior.

Noutra ótica, a busca por transformações da ordem naturalizada como aprisionadora (uma das áreas de encontro mais nítidas entre a pesquisa-ação crítica e a pesquisa-intervenção) também encontra ressonâncias no psicodrama. Da mesma maneira que as duas outras, este último insere-se no rol das pesquisas participativas e qualitativas, denotando sua vertente política.

Ainda comparando o método e a pesquisa psicodramática com a pesquisa-intervenção, uma não convergência se mostra quando acontece a radicalização da ideia de implicação e sua sistematização em termos de uma análise de seus atravessamentos, no tipo de investigação a que se propõem os analistas institucionais. Disparidade igualmente ocasionada com a pesquisa-ação crítica, como anunciamos existir. No nosso caso, mesmo com os recursos que temos, dentre eles a etapa do compartilhar, não nos aproximamos da experiência que pode ser proporcionada (quando realmente se consegue que ela se efetive, pois, convenhamos que seja bastante ousada) pela análise das implicações.

Sobre o conceito de analisador (acontecimento que provoca a análise do grupo) exploramos noutro texto suas congruências em relação ao de tema protagônico, como disse. O método psicodramático, sabemos, viabiliza o tema protagônico com formas próprias, entre elas por meio do personagem protagônico, vindo a delinear esta singularidade, embora os princípios se assemelhem até certo ponto.

A pesquisa psicodramática, ao se deixar conduzir pela emergência de um tema protagônico, vai comungar com a pesquisa intervenção quando esta se guia pelo surgimento natural de um analisador. Quando este é construído, visando provocar o grupo a explicitar suas contradições, o paralelo conceitual ocorre com os dispositivos psicodramáticos usados para aquecimento. Ambos, analisador construído e modos de aquecimento, podem levar a algum tema que seja protagônico.

Retomando o ponto de vista já assinalado páginas atrás, se entendermos pesquisa-ação crítica e pesquisa-intervenção não como métodos, mas como *estratégias gerais* ou *correntes de pesquisa* que podem agregar diversos métodos e técnicas e delinear um instrumento coletivo e participativo de intervenção, que comungam princípios epistemológicos comuns, podemos dizer que, inserido neste perfil, o psicodrama pode, perfeitamente, se colocar como método de intervenção grupal utilizado. Além disso, considerando suas singularidades todas, a pesquisa psicodramática baliza-se nos adjetivos de qualitativa, participativa e transita entre a pesquisa-intervenção e a pesquisa-ação crítica.

Neste ponto momentâneo de chegada vislumbro o traçado já percorrido, percebo cruzamentos e fico curioso sobre o que está por vir.

NOTAS

1 - Ver, dentre outros, Nery, 2007, Fleury e Marra; 2008, Rodrigues, 2008 e Mazzotta, 2009.

2 - Ver Barros, 2007, p. 228; Cury e Szymanski, 2004, p. 358; Rocha e Aguiar, 2003, pp. 02-03; Monceau, 2005, p. 471 e Paulon, 2005, pp. 04-06.

3 - Ver Marra e Costa (2004), Andrade (2005), Bareicha (2005), Lima (2003), Wechsler (2004 e 2007), Marra (2004).

4 - Ver Lima (2003), Monteiro, Merengué e Brito (2006).

5 - Em Contro, 2009, pp. 123-124, refleti sobre semelhanças deste conceito com o de tema protagônico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE A. S. *Sociodrama educacional* – uma estratégia de pesquisa-ação em psicologia escolar institucional. In: FLEURY, H. e MARRA, M. (orgs.) **Intervenções grupais na educação**. São Paulo: Ágora, 2005.
- ARDOINO, J. e LOURAU, R. **As Pedagogias Institucionais – Jacques Ardoino, René Lourau**. São Carlos: Rima, 2003.
- BARBIER, R. **Pesquisa – ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BAREICHA, P. *A construção coletiva da consciência ecológica por meio da pedagogia do drama*. In: FLEURY, H. e MARRA, M. (orgs.) **Intervenções grupais na educação**. São Paulo: Ágora, 2005.
- BARROS, R. B. **Grupo: a afirmação de um simulacro**. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2007 – (Coleção Cartografias).
- CONTRO, L. **Nos jardins do psicodrama** – entre o individual e o coletivo contemporâneo. Campinas: Alínea, 2004.
- _____. **Grupos de apoio ao processo de trabalho** – articulações teórico-práticas entre psicodrama e análise institucional. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, Depto. de Medicina Preventiva e Social/FCM/Unicamp, Campinas, 2009.
- CURY, V. E. e SZYMANSKI, H. *A pesquisa-intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica*. In: **Estudos de Psicologia**, v. 09, n. 2, 2004, pp. 335-364.
- EL ANDALOUSSI, K. **Pesquisas-Ações: ciências, desenvolvimento, democracia**. São Carlos: Edufscar, 2004.
- FLEURY, H. e MARRA, M. (orgs.) **Grupos – intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático**. São Paulo: Ágora, 2008.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 18 ed.
- GUATTARI, F. **Caosmose – um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- L'ABBATE, S. *Intervenção e pesquisa qualitativa em análise institucional*. In: BARROS, N. F.; CECATTI, J. G. e TURATO, E.R.(orgs). **Pesquisa qualitativa em saúde** – múltiplos olhares. Campinas, FCM/Unicamp, 2005, pp. 235-246.
- LIMA, N. S. T. **Inclusão escolar e a identidade do professor: a escola como palco de invenção**. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2003.
- LOURAU, R. **Libertad de Movimientos** – una introducción al análisis institucional. Buenos Aires: Eudeba, 2001.
- _____. *Implicação-transdução*. In: Altoé, S. (org.). **René Lourau, analista institucional em tempo integral**. São Paulo: Hucitec, 2004, pp. 212-223.
- MARRA, M. M. **O agente social que transforma** – o sociodrama na organização de grupos. São Paulo: Ágora, 2004.
- MARRA, M. M. e COSTA, L. F. *A pesquisa-ação e o sociodrama: uma conexão possível?* In: **Revista Brasileira de Psicodrama**. São Paulo: Publicado pela Fefrap, v. 12, n. 1, 2004.
- MAZZOTTA, M.C. E. **O professor de psicodrama como pesquisador** –

uma articulação desejável. Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação lato sensu: especialização em supervisão e didática psicodramática. IPPGC e Universidade Católica de Goiás, Campinas, 2009.

MONCEAU, G. *Transformar as práticas para conhecê-las: pesquisa ação e profissionalização docente*. In: **Revista Educação e Pesquisa**. v. 31, n. 3, set./dez. 2005, pp. 467-482.

MONTEIRO, A. M.; MERENGUÉ, D.; BRITO, V. **Pesquisa qualitativa e psicodrama**. São Paulo: Ágora, 2006.

MORENO, J. L. **Quem sobreviverá?** Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama. Goiânia: Dimensão v. I, 1992.

MOTTA, J. M. C. *Criando um cenário para a história brasileira*. In: MOTTA, J. M. C. (org.) **Psicodrama brasileiro – história e memórias**. São Paulo: Ágora, 2008.

NERY, M. P. *Epistemologia da sconomia e o psicodramatista pesquisador*. In: **Revista Brasileira de Psicodrama**. Publicada pela FEBRAP, v.15, n. 2, 2007.

PAULON, S. M. *A análise de implicação com ferramenta na pesquisa-intervenção*. In: **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre: v. 17, n. 3., 2005.

ROCHA, M. L. e AGUIAR, K. F. *Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises*. In: **Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília: v. 23, n. 4, dez., 2003.

RODRIGUES, R. *Intervenções sociopsicodramáticas: atualização e sistematização de recursos, métodos e técnicas*. In: FLEURY, H. e MARRA, M. (orgs.) *Grupos – intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático*. São Paulo: Ágora, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1985.

WECHSLER, M. P. F. **A pesquisa-ação e o método sacionômico: uma conexão possível**. Belo Horizonte: anais do XIV Congresso Brasileiro de Psicodrama, 2004.

_____. *Pesquisa em psicodrama*. In: **Revista Brasileira de Psicodrama**. Publicada pela Febrap, v. 15, n. 2, 2007.

Endereço do autor:
Rua Anhandeara, 275
Chácara da Barra
Campinas – SP
Tel. (19) 3251 3343
E-mail: luizcontro@terra.com.br